

AS TRAJETÓRIAS NO DESLOCAMENTO DOS/DAS ROMEIROS/AS NEGROS/AS E AS BANDEIRAS VERDES: Missão e romaria em migração no norte do Tocantins

THE TRAJECTORIES IN THE DISPLACEMENT OF THE BLACK PILGRIMS AND THE GREEN FLAGS: MISSION AND PILGRIMAGE IN MIGRATION IN THE NORTH OF TOCANTINS

Marcos Pereira Neto – UFG – Goiânia – Goiás – Brasil
marcos.neto@discente.ufg.br

RESUMO

As trajetórias no deslocamento espacial dos romeiros em migração e romaria rumo às bandeiras verdes visa delinear o percurso a partir da espacialidade e da carga cultural na migração. Tendo como narrativa espacial das Bandeiras Verdes, apoiado no Padre Cícero, os romeiros adentraram a mata do Araguaia em busca de um local de refrigério, onde pudessem viver e ter terra para trabalhar. A mobilidade é ocasionada por esses dois fatores, levando diversos grupos em direção às Bandeiras Verdes. Os procedimentos metodológicos se voltam para a análise da escuta das histórias da mobilidade para a construção das trajetórias com um viés qualitativo a partir da subjetividade. Os processos migratórios são analisados de acordo com a noção de migração e mobilidade geográfica na obra *Les migrations des peuples: essai sur la mobilité géographique* do geógrafo Max. Sorre (1955).

Palavras-chave: Deslocamento; Trajetórias; Bandeiras verdes; Romeiros; norte do Tocantins.

ABSTRACT

The trajectories in the spatial displacement of pilgrims in migration and pilgrimage towards the green flags aims to delineate the route from the spatiality and cultural load in migration. With the spatial narrative of the Green Flags, supported by Priest Cícero, these pilgrims entered the Araguaia Forest searching for a place of refreshment, where they could live and have land to work. Mobility is caused by these two factors, leading different groups towards the Green Flags. The methodological procedures focus on the analysis of listening to mobility stories for the construction of trajectories with a qualitative bias based on subjectivity. Migratory processes are analyzed according to the notion of migration and geographic mobility in the work *Les migrations des peuples: essai sur la mobilité géographique* by the geographer Max. Sorre (1955).

Keywords: Displacement; Trajectories; Green flags; pilgrims; north of Tocantins.

INTRODUÇÃO

Os deslocamentos dos grupos sobre o espaço geográfico podem ser analisados a partir da classe, raça e gênero; do lugar de origem e de destino; dos territórios, paisagens e, sobretudo dos espaços geográficos vividos. Os deslocamentos têm um sentido subjetivo, eles carregam consigo cultura e técnicas. No livro *Les migrations des peuples* o geógrafo francês Max. Sorre nos coloca que “*les mouvements des peuples, les transferts de techniques, de civilisations, sont constamment invoqués pour expliquer l’état actuel des choses*”¹ (1955, p. 5).

Sendo este texto fruto de inquietações das pesquisas de mestrado, já concluído, e de doutorado, em andamento, tenho como objetivo delinear as trajetórias socioespaciais dos romeiros negros e romeiras negras que se deslocaram com destino às bandeiras verdes no norte do estado do Tocantins. As suas trajetórias socioespaciais, as quais são definidas como histórias de vida, estão imbricadas com os lugares por onde passam as pessoas, as marcas do vivido distribuídas espacialmente em que há uma relação mútua entre indivíduo e coletividade. Entendendo a vida de cada indivíduo como um percurso, um caminho, uma trajetória, sendo dotados de significados com os lugares, e que contém uma sucessão de acontecimentos, esses percursos sobre o espaço são suas trajetórias socioespaciais.

Essas trajetórias são a representação da afetividade pelos territórios. O território e as territorialidades remetem a experiências geográficas desses sujeitos e com esses sujeitos, realçando as geograficidades, ou seja, que antes de qualquer conceituação esses sujeitos são “espaciais em sua essência, e que viver é produzir/experienciar o espaço.” (SERPA, 2019, p. 61) As narrativas dos seus territórios se dão por suas experiências espaciais, os espaços vividos por eles, que se tornaram lugar, é onde acontecem as geograficidades desses grupos.

Esses espaços vividos, são os lugares por onde esses sujeitos passaram durante sua vida, se dá por essa espacialidade contendo marcas desse vivido e das relações afetivas com os lugares, que possuem dimensões no espaço e no tempo. As bandeiras verdes são um símbolo no imaginário dos romeiros, atribuída ao Padre Cícero, ela permite

¹[...] os movimentos dos povos, as transferências de técnicas, de civilizações, são constantemente invocados para explicar o estado atual das coisas. [tradução nossa].

situar os romeiros e as romeiras no espaço e no tempo a partir de referenciais mítico-religiosos, esses referenciais míticos das bandeiras verdes aqui serão chamados de narrativa espacial (PEREIRA NETO, 2021). Assim, por não existir um ponto exato de onde sejam, onde se começa e onde se termina, penso as bandeiras verdes como uma narrativa espacial, uma narrativa geográfica, pelo fato da mobilidade, a incerteza do lugar que não é conhecido, ao chegarem se tornam sujeitos espaciais mantendo os aspectos da devoção no Padre Cícero e nas bandeiras verdes. O deslocamento aqui abordado está para a perspectiva espacial-cartográfica, os locais geográficos por onde esses/as romeiros/as passaram durante a mobilidade, e esta, por sua vez, está ligada ao deslocamento como forma territorial e cultural, assim, quando o romeiro migra ela leva para o seu novo lugar toda uma carga cultural do antigo, o que nos termos da historiadora Beatriz Nascimento (1981), pode-se denominar de Transmigração.

A procura pelas bandeiras verdes foi responsável por um grande número de migrações rumo à Amazônia, a promessa de um lugar onde se pudesse plantar e viver com fartura com toda sua família (VIEIRA, 2001). Nessa narrativa, Padre Cícero teria dito aos seus devotos que deviam procurar bandeiras verdes no fim dos tempos, estas foram identificadas como as matas amazônicas, sem localização exata, mas com um rumo, rumo ao sol poente e próximo aos grandes rios. As matas amazônicas que aqui considero, é qualquer região da Amazônia Oriental, classificada como floresta ombrófila densa, próximo aos rios de médio e grande porte, especialmente no norte do estado do Tocantins, oeste de Maranhão e leste do Pará. As bandeiras verdes são locais onde as matas nunca secam e a água não acaba, um lugar inexplorado, ideal para a construção da nova vida destinada por Deus e guiada por Padre Cícero.

Não havendo uma localidade definida as bandeiras verdes, atribuídas como narrativa espacial, a partir da legitimidade da devoção ao Padre Cícero, conhecido por “libertar” o romeiro da seca – ele apoiou comunidades de vivência e produção coletiva, a exemplo do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto [1926 – 1937], no município de Crato, Ceará, tendo à frente o beato José Lourenço (RAMOS, 1991). Pela ausência dessa localização e com a narrativa espacial como movimento de devoção, os depoimentos,

mesmo que diferentes, convergem para um aspecto comum, as bandeiras verdes são como um lugar espacial, natural e social.

No entanto, o lugar não é fixo e pode ir se deslocando, e mesmo sem um lugar fixo, a direção sempre será a oeste, e este lugar parece estar referido no mundo natural, expresso na mata, e no verde. Esta crença é forte entre principalmente os estados do Maranhão e Piauí, numa geografia mítica o espaço é percebido por esses romeiros e romeiras num componente religioso no qual se reveste processos migratórios rumo a Amazônia: uma migração em busca das bandeiras verdes na romaria.

Esta pesquisa tem um viés qualitativo, que visa um caráter subjetivo, os procedimentos metodológicos a partir da pesquisa em campo, utilizando da história na trajetória socioespacial contada oralmente, para uma observância da diferença no espaço com o intuito de compreender as trajetórias dos movimentos migratórios com os lugares vivenciados. Os trajetos, os territórios e os lugares pelos quais as mulheres e homens que em sua concepção alcançaram as bandeiras verdes no norte do estado do Tocantins a partir da devoção. Esses trajetos demonstram a determinação e a devoção desses romeiros, que acreditaram em Dona Antonia e em Padre Cícero e foram em busca de melhorias, seguiram em direção ao “sol poente” e encontraram o que acreditavam ser as bandeiras verdes, viveram e vivem a partir disso, da concepção de que aquele lugar foi destinado aos que sofriam e que precisavam de terra e água abundante para trabalhar e criar suas famílias.

MISSÃO E ROMARIA NO NORTE DO TOCANTINS

No extremo norte do antigo estado de Goiás, atual estado do Tocantins, no século XIX a concentração de vilas e de população era exclusivamente na região sudeste, devido à mineração, além dos indígenas do povo Iny que se encontram na ilha do Bananal. Na região norte apenas as cidades de São João das duas Barras na confluência do rio Tocantins com Araguaia e Boa Vista na margem esquerda do rio Tocantins, atual Tocantinópolis (BRITO, 2016), e os povos indígenas como os Karajá Xambioá, os Krahô e os Apinajés, todos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê.

É em 1876 com um pequeno agrupamento nas margens do rio Lontra, migrantes oriundos de várias partes do nordeste brasileiro formam o povoado Livra-nos Deus, atual cidade de Araguaína (IBGE, 2010). Em 1917 é criado o povoado de Filadélfia, às margens do rio Tocantins, onde em 1919 é instalado um importante posto fiscal para as navegações que adentravam e saíam do então Goiás. Em 1923, é formado o povoado de Nova Aurora do Coco, atual Babaçulândia (IBGE, 2010).

Na segunda metade do século XX, vilas e pequenas cidades se tornam um número maior. Deslocamentos de pessoas de outros estados para a região por diversos motivos, como a construção da rodovia Belém-Brasília da década de 1950, a qual nas palavras da geógrafa Bertha Becker (1982) foi chamada de a primeira grande artéria aberta na Amazônia, que impulsionou a mobilidade de bens e serviços ao norte de Goiás (BRITO, 2016). Outro fator foi a mobilidade de nordestinos/as que buscavam terras produtivas e livres longe da seca, grande parte destas pessoas também vinham atrás das bandeiras verdes.

A partir de 1950, também se intensifica os movimentos de entrada na mata rumo ao rio Araguaia, em alguns casos realizando sua travessia. Alguns desses movimentos tiveram como impulso a devoção na busca pelas bandeiras verdes, uma narrativa espacial que tem como princípio a busca por locais de matas nas proximidades dos grandes rios. Vários pesquisadores desde a década de 1980 encontraram grupos de camponeses que vieram para as atuais regiões do sudeste do Pará, sul do Maranhão e norte do Tocantins em busca da profecia (VIEIRA, 2001).

Segundo Maria Antonieta da Costa Vieira (2001), a profecia das bandeiras verdes permite ressignificar a ocupação territorial da região do vale do rio Araguaia a partir de referenciais religiosos. Para José de Souza Martins (1997), o final do século XX era o momento de apropriação das terras “não ocupadas ou insuficientemente ocupadas” (p. 132), o que ele denomina de fronteira, e para o autor na América Latina a última grande fronteira nos finais do século XX era a Amazônia.

Essa profecia foi o incentivo de muitas famílias que se deslocaram até as bandeiras verdes. Muitos camponeses do Maranhão, Tocantins e sul do Pará afirmam

terem vindo para a Amazônia em busca da profecia (VIEIRA, 2001). Alguns pesquisadores e autores citados abaixo que trabalharam na região fazem alusão a ela.

Maria Regina Sader (1986), em sua pesquisa na região do Bico do Papagaio, no norte do Tocantins, encontrou lavradores que se deslocaram da região nordeste em busca das bandeiras verdes. Um deles relatou:

Eu vim atrás das bandeiras verdes, que quê dizê as matas... O pessoal tem que procurá as matas... porque daqui pro fim dos séculos o pessoal vai aumentando e vai diminuindo a produção. E a gente tem que escapá as Bandeiras Verdes, que será melhor... (Estêvão, maio de 1983. Entrevista cedida a Maria Regina SADER, 1986, p. 107)

José de Souza Martins (1997) relata ter observado, em suas pesquisas, grupos de camponeses numa extensão de aproximadamente oitocentos quilômetros ao longo do rio Araguaia que migraram em busca das bandeiras verdes:

Pude observar diretamente que as migrações espontâneas do Nordeste para a Amazônia, [...], estão motivadas por concepções milenaristas. [...], encontrei diversos grupos de camponeses que chegaram à região inspirados pelas profecias de padre Cícero sobre a existência de um lugar mítico depois da travessia do grande rio. [...]. Esse lugar mítico é reconhecido como o lugar das Bandeiras Verdes, que ninguém sabe dizer exatamente o que é nem onde é. Mas seria reconhecido quando fosse encontrado, por ser um lugar de refrigério, de águas abundantes, de terras livres, em contraste com o Nordeste árido e latifundiário. (Idem, p. 164)

A antropóloga estadunidense Judith Lisansky (2019), que estudou a vida na fronteira amazônica, conversou com um senhor que mesmo doente, com malária, explicou a ela o que era as bandeiras verdes:

*"The bandeira verde you are asking about just now" he said, "It means the forest. *Bandeira verde* are the forests for farming. We were told, many years ago" he said, "that there would be a war much fighting in *Goiás* ger and of revolution. There were so many hungry people. So *Padre Cícero Romão Batista*", he continued, referring to a famous popularly sainted folk hero of northeastern Brazil, "*Padre Cícero* explained to the people that we needed to go to the forests, to the places with mountains that catch the rain. *Padre Cícero* explained everything. He said that from 1970 onward there would be good times for everyone in the regions that had water. So, the northeasterners came here. Our land over there, it's still there, but it was all dried up. All our animals died, and there was nothing left to eat. The older people said we should go to the forests of *Mato Grosso*, and so they laft and wandered and walked for months and months, traveling, all those thousands of hungry people"² (LISANSKY, 2019, p. 2).*

²"A bandeira verde que você estava perguntando agora", disse ele, "significa florestas. Bandeira verde são florestas para a agricultura." "Disseram-nos, há muitos anos", disse ele, "que haveria uma guerra e muitos

Vieira (2001), em suas pesquisas sobre os movimentos na Amazônia oriental ouviu muitas referências às bandeiras verdes, o qual ela denominou de movimento sócio religioso. Entre elas a que aqui estudo, porém, pouco trabalhada pela pesquisadora: “movimentos como o dos Romeiros do Padre Cícero do Pé do Morro em Tocantins” (p. 147).

O deslocamento, a viagem, a romaria são dadas como o caminho da salvação. Elas se localizam na interseção de três planos: temporal, espacial e espiritual. De um lado, a leste, as catástrofes do fim dos tempos, do outro, a oeste, em direção às bandeiras verdes, está o ponto final, o caminho da salvação (VIEIRA, 2001).

Figura 1 - Capela e Cruzeiro no alto do morro em Aragoínas - Tocantins

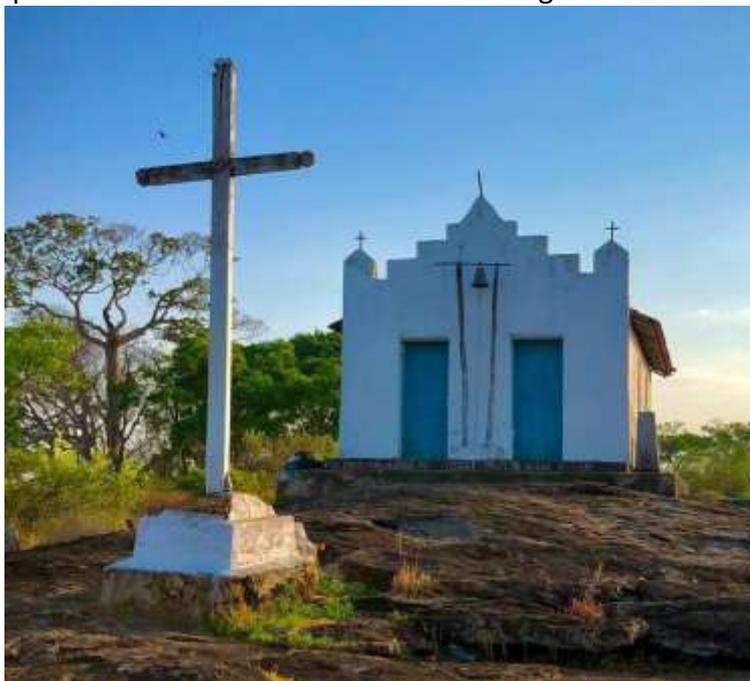


Foto: o autor, out. 2020.

combates em Goiás. Havia tantas pessoas famintas. Então, Padre Cícero Romão Batista", ele continuou, referindo-se a um famoso herói popular, popularmente santificado do Nordeste do Brasil, "Padre Cícero explicou ao povo que precisávamos ir para as florestas, para os lugares com montanhas que pegam chuva. Padre Cícero explicou tudo. Ele disse que a partir de 1970 haveria bons tempos para todos nas regiões que tinham água. Então, os nordestinos vieram para cá. Nossa terra lá, ainda está lá, mas tudo secou. Todos os nossos animais morreram, e não havia mais nada para comer. Os mais velhos diziam que deveríamos ir para as matas do Mato Grosso, e assim eles foram embora e vagaram e caminharam por meses e meses, viajando, todos aqueles milhares de pessoas famintas". [tradução nossa].

No caso dos romeiros e romeiras do Padre Cícero do Pé do Morro esse deslocamento tem como ponto final a busca pelo Santo Cruzeiro. O morro e o santo cruzeiro são parte da busca pelo sagrado. A busca pelas bandeiras verdes situa os romeiros e romeiras no tempo e no espaço, espaço em movimento.

O morro, a capela e o cruzeiro (figura 1), são os espaços vividos pelos moradores, adeptos e principalmente pelos romeiros, e eles manifestam uma relação de afetividade entre o grupo e a paisagem, que para o geógrafo francês Joël Bonnemaison (2002), parafraseando Gilles Sautter (1979), não pode ser medida por nossos conceitos e discursos academicista.

Esse espaço sagrado formado pelo processo de afetividade do lugar com o símbolo e a paisagem, numa abordagem cultural, pode ser analisado como um lugar geossimbólico na perspectiva de Bonnemaison (2002). Para ele, “o geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma expressão, que por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas, ou grupos assume uma dimensão simbólica [...]” (BONNEMAISON, 2002, p. 292).

A busca por esse lugar sagrado deu-se pela caminhada, uma trajetória que é espacial, mais que também é territorialidade, os lugares, os itinerários fazem e fizeram parte dessa trajetória. A caminhada se dá por um sonho, o sonho da beata com o Padre Cícero e o sonho de encontrar um lugar de refrigério. Procuro a seguir apresentar a trajetória dos romeiros e romeiras em busca do santo cruzeiro como um percurso espacial, social e espiritual. Traçar as trajetórias do percurso da beata que liderou a romaria e espacializar a partir da cartografia.

TRAJETÓRIAS DO DESLOCAMENTO RUMO ÀS BANDEIRAS VERDES

A mobilidade do grupo é pensada a partir de uma ausência de equilíbrio dos recursos do lugar o qual este grupo se encontra, como coloca Max. Sorre (1994), quando um grupo se encontra em um equilíbrio de recursos que se sustenta à medida do crescimento demográfico, nenhum evento de mobilidade se externa.

Sorre é claro ao nos escrever que a origem do deslocamento deve ser buscada em todos os sentidos: *“Mais presque toujours, nous devons chercher l’origine de leurs*

*déplacements dans leurs besoins, dans leur genre de vie, même dans leurs imaginations*³” (SORRE, 1955, p. 28).

Penso que essa mobilidade se coloca como a necessidade de encontrar novos recursos para viver em melhores condições. No caso dos romeiros do Pé do Morro, estes se encontravam em condições de insegurança financeira, tendo que, também por meio da vontade e devoção em algo melhor, migrar para uma terra desconhecida. Max. Sorre (1994) enfatiza uma mobilidade que em sua estrutura tenha um caráter coletivo e que se busque algo, como ouro ou terra inexplorada:

Esses são movimentos elementares. Ocorre, todavia, que a mesma causa pode agir ao mesmo tempo sobre grande número de indivíduos, e dirigi-los para uma terra prometida sem que tenha havido acordo prévio entre si; a busca do ouro, por exemplo, ou a **procura de terras virgens**. A migração torna-se, então, um movimento de conjunto de tipo coletivo. (SORRE, 1994, p. 135) [grifo meu].

Na mobilidade dos romeiros e romeiras, a intenção, ao chegar à terra prometida, era de se estabelecer, chegar ao ponto final. Para Alex Ratts (2001, p. 57) ao tratar da mobilidade de pessoas e coletividades negras rurais e urbanas “[...] à estratégia de constituir agrupamentos se justapõe uma grande mobilidade territorial”.

Nessa mobilidade, os lugares/espços pelos quais os indivíduos passam marcam suas vidas, entendendo a vida de cada indivíduo como um percurso, um caminho, uma trajetória, sendo dotados de significados com os lugares, e que contém uma sucessão de acontecimentos, esses percursos sobre o espaço são suas trajetórias socioespaciais.

Para Furtado (2011), no seu estudo das trajetórias de estudantes quilombolas, as trajetórias socioespaciais enquanto uma categoria de análise que está sendo construída, permite uma (re)formulação da dimensão da história espacial das vivências dos sujeitos. Para ele: “Podem ser apresentadas no conteúdo dos cursos de vida, numa perspectiva que ultrapassa o limite da biografia, chegando a contemplar lugares, e experiências nos quais os sujeitos constroem suas vidas.” (FURTADO, 2011, p. 82).

³ Mas, quase sempre, devemos buscar a origem de seus deslocamentos em suas necessidades, em seu modo de vida, até em seus imaginários. [tradução nossa].

Segundo o geógrafo Diogo Marçal Cirqueira (2010), as trajetórias socioespaciais podem ser consideradas como “[...] um ‘percurso’ que o indivíduo perfaz durante sua vida, em que há uma relação mútua entre indivíduo e coletividade [...]” (p 42).

[...] a trajetória de uma vida também é conformada pelo espaço. Isso pressupõe que os indivíduos perpassam por um repertório de lugares no decorrer de suas vidas, os quais, como dito anteriormente, são experienciados, significados e interpretados. O espaço, em uma relação de reciprocidade, influencia os indivíduos (CIRQUEIRA, 2010, p. 43).

É necessário compreendermos as trajetórias socioespaciais como algo além de uma mobilidade espacial, sendo moldada pelos aspectos históricos e socioespaciais. (SANTOS, 2016). Santos e Ratts (2015), em um estudo sobre “Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico”, comentam que:

Por trajetória espacial (ou socioespacial) entendemos os deslocamentos de um indivíduo ou coletividade entre locais distintos entre espaços – de residência, de estudo, de trabalho ou lazer, entre bairros, cidades, regiões, países – que fazem a diferença na sua situação social, pois não se resumem a um deslocamento geométrico. (SANTOS; RATTIS, 2015, p. 646-647).

Esses espaços são apresentados de forma experiencial e esses sujeitos se relacionam com eles de distintas formas, considerando-se as condições de espaço-tempo, os lugares são onde “cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2014, p. 31).

A trajetória dos grupos ao norte do Tocantins ressalta essa espacialidade e vivência com os lugares pelos quais passaram. Desses lugares penso como um repertório de lugares, repertórios narrados, lidos e assistidos, os quais foram apropriados, vividos, lembrados e sentidos pelo grupo. Esses repertórios de lugares, citando Ratts (2001), se relacionam num “território étnico” e forma um conjunto que se diferencia dos demais territórios.

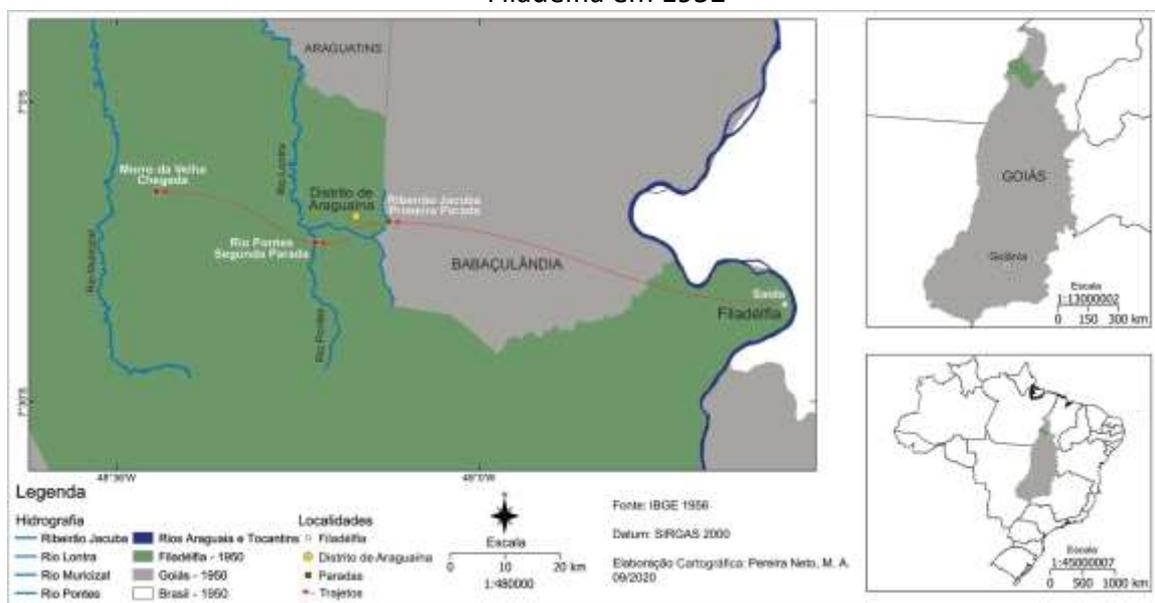
Essa migração para o oeste brasileiro em direção à Amazônia oriental antecede a abertura de estradas e a chegada de fazendeiros, o que reforça uma das características da profecia, a da terra livre para plantar e viver. A romeira Antonia Barros de Sousa, protagonista na pesquisa, com garra e resistência, liderou a missão ao morro para encontrar o santo cruzeiro, posteriormente conhecido como Morro da Velha (em sua

menção), este se localizava nas bandeiras verdes, guiada por Padre Cícero, ela deveria encontrá-lo e ali fixar moradia juntamente com os demais romeiros e romeiras.

As trajetórias socioespaciais do grupo que faz a mobilidade juntamente com a beata são os repertórios de lugares especializados na cartografia (mapa 01). A cartografia que aqui utilizo está imbricada entre o uso dos saberes práticos e teóricos para a construção da representação visual a partir de tecnologias de informação e do Sistema de Informações Geográficas (SIG).

Utilizo de uma cartografia que representa as vivências com os lugares numa visão humanista da cartografia. Na visão tradicional, a cartografia separa na representação dos espaços, os agentes e as ações, sendo o cerne da transferência dos dados geográficos para o papel. A chamada que é feita na visão mais humanista da cartografia, é criar um diálogo com a tradição cartográfica – teórica, técnica e tecnológica – e as concepções humanistas, as vivências dos grupos e a representação dos lugares (SEEMANN, 2014).

Mapa 1 - Trajetórias socioespaciais da Beata Antonia e seus adeptos no Município de Filadélfia em 1952



Fonte: IBGE 1958a; IBGE 1958b. Elaboração cartográfica: o autor, set. 2020.

Procuro nessa cartografia representar de forma mais próxima da realidade que foi possível às trajetórias e as vivências com os lugares, não considero que esteja trazendo uma verdadeira e exclusiva realidade do lugar com um mapa, pois para Seemann (2014),

“[...] a melhor representação da realidade é a própria realidade [...]. Mapas representam lugares, mas são apenas abstrações e reduções deles [...]” (SEEMANN, 2014, p. 79).

Na trajetória (mapa 01), o grupo fazia a sua primeira parada/estadia, às margens do ribeirão Jacuba e logo chegava-se uma multidão de simpatizantes dispostos/as a seguir em romaria com ela, rapidamente se instalam e aguardam o fim de um longo período de chuvas pela qual passava a região. É nesse momento que se reunia ao grupo aquele que, posteriormente, seria um dos principais nomes na história da cidade de Muricilândia, o senhor João Francisco de Sousa, conhecido como João Paulino. João Paulino nasceu em 1920 na cidade de Bertolândia, Piauí. Manoel Filho Borges conta um pouco sobre ele:

João Paulino era um exímio tocador de sanfona, após uma decepção familiar deixa Bertolândia e sai para ganhar o mundo como músico tocando nas regiões próximas a sua até chegar nessa região mais distante. É então que fica sabendo das intenções da beata Antonia e resolve juntar-se ao número de seguidores da beata que, aliás, alguns parentes seus já estavam ali inseridos como romeiros. Cético às intenções da beata João Francisco de Sousa, agora com 32 anos estava ali mais como músico do que como romeiro, talvez por força da juventude que impulsionava suas ações (Manoel Filho Borges entrevista cedida em março de 2020).

Então, em maio de 1952, o grupo de romeiros passou pelo povoado de Araguaína, no qual mais pessoas se juntam adentrando a mata da bacia do rio Lontra. Devido às intempéries meteorológicas eles avançaram pouco, montando acampamento às margens do rio Pontes, próximo ao importante distrito de Araguaína. Após o período de chuvas, a beata começou juntamente com os/as romeiros um momento espiritual, e em seguida reúne-se um grupo de homens para começarem a abrir as picadas na mata, sempre sob a orientação que, segundo ela, era dada pelo seu guia espiritual, o Padre Cícero. Os homens abriam as picadas até certos pontos e o grupo levantava acampamento, indo até o final da picada – em geral, às margens de córregos e rios.

Após vários dias de caminhada, eles conseguiram chegar ao Morro da Velha, e encontraram o que dissera Pe. Cícero. Para o grupo, o acontecimento fortaleceu a devoção em Padre Cícero, o Santo Cruzeiro estava lá como o dissera nas visões, então, eles estavam no caminho certo, encontraram o seu lugar, as bandeiras verdes.

Nós saímos de lá da Jacuba no dia 9 de maio e chegamos aqui no dia 27 de julho de 1952. No dia 27 de julho nós dormimos aqui, lá debaixo daquele pé de jatobá, em cima do morro. Só não estou lembrado se nós era sete ou cinco. Era de nove pessoas prá baixo. Nós éramos poucos, os que iam na ‘pinicada’. Mas no

acampamento ficava muita gente. Nós viajava, às vezes, quinze dias, doze dias e aí voltava lá no rancho e aí mudava o rancho. Achava água. Nesse tempo não tinha água porque esses córregos eram seco. Nós vinha... Quando achava um olho d'água nós fazíamos outro acampamento. Aí nós tornava a sair de novo e ficava aquele pessoal lá no rancho ficava era muito mais de dez. Nós caminhava quinze dias, dezoito dias, fazendo a picadinha. Nós num sabia de nada. A mulher falava, mas nós num acreditava no que ela dizia e nós via tudinho. Tudo que ela falava nós via num tinha jeito não. Ela falou que nos passava na cachoeira do véu. Era pra nós deixar pro lado da esquerda. Que nos passava bem no rebanco da cachoeira pois nós passou, Passava naquela pedra que chama Pedra Santa, nós passou. Ela disse: lá em cima daquela pedra tem caroba, tem xixá, tem um bucado de pau que ela falou, pois tava lá. Quando nós chegou naqueles três morros que tem ali, do Leandro, ela disse: tem três morrinhos pequenos, tem um aqui, outro aqui, outro aqui. Vocês passam e deixam aqueles morros pro lado da esquerda. Deixa pro lado da esquerda. Nós já ia passando por cá e daí nos voltamos e passamos pelo lado de cá dos morros e aí nos viu esse aí. Aí nos já veio direto, e aí pronto, acabou (Raimundo Benício da Silva, 78 anos. Entrevista cedida COELHO, 2010 p. 5).

No relato, o senhor Raimundo Benício demonstra como era a trajetória na mata guiada pela beata dona Antonia e como se deu o encontro com o morro. A partir daí começaram a repartir a terra nas proximidades do Morro, para começarem suas novas vidas, plantando, colhendo e convivendo em sociedade e sendo devotos do Padre Cícero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas, os contextos podem parecer desconexos por tratar-se de uma relação mítica com Padre Cícero e com as bandeiras verdes. No entanto, isso simplesmente demonstra o quanto mítico e de viés religioso é esse movimento migratório e quão a imagem do sacerdote considerado milagroso, mesmo após seu falecimento, é importante aos segmentos que lutam contra a seca e a exploração no campo no interior nordestino.

As bandeiras verdes foram tratadas nesta pesquisa como uma narrativa espacial. Elas não têm uma localização, tem-se somente uma narrativa que diz a direção delas. Uma mobilidade impulsionada por esse movimento e ainda impulsionada pela fé de uma visão em Padre Cícero é um precedente sem muitas ocorrências na história das migrações. Essas buscas pelas bandeiras verdes também se deram em busca de um local para viver e manter o modo de vivência ligada ao campo. Essa mobilidade foi responsável pelo processo de formação territorial de toda a área que adentrava a mata do Araguaia.

Os caminhos da formação territorial e identitária do grupo e dos municípios e comunidades que ali, hoje, se encontram são fundados a partir dos repertórios de lugares

os quais esses romeiros e romeiras passaram. Os símbolos ali presentes mostram a carga simbólica desta trajetória de vida e de devoção. Os lugares como o Morro do Santo Cruzeiro, a cidade de Filadélfia, Araguaína, Juazeiro do Norte, Crato, lembrando ao Padre Cícero no Ceará e o cerne das cidades de Aragominas, e de Muricilândia às margens do rio Muricizal compõem esse repertório de lugares vivenciados nas trajetórias do deslocamento dos/das romeiros/as negros/as e as bandeiras verdes.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha Koiffmann. **Geopolítica da Amazônia: A Nova Fronteira de Recursos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Tradução de (indicar o nome da/o tradutor/a). Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. II, 2002. p. 279-304.

BRITO, Eliseu Pereira de. **Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2016 (UFG, Tese, doutorado em Geografia).

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2010 (UFG, Dissertação, mestrado em Geografia).

COELHO, Leonidia Batista. **A comunidade Pé do Morro em Aragominas-TO**. Estado do Tocantins. 2010. 41 f.

FURTADO, George da Cunha. **Trajetoórias socioespaciais de estudantes quilombolas de Cedro e Buracão: Desafios e Perspectivas Educacionais em Quilombos no Sudoeste Goiano**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2011 (UFG, Dissertação, mestrado em Geografia).

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Programa Cidades@**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. II – Grande Região Centro-Oeste. 1958a.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XV – Maranhão. 1958b.

LISANSKY, Judith Matilda. **Migrants to Amazonia: Spontaneous Colonization in the Brazilian frontier (English edition)** 1st Edition. Routledge. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019 [1997].

NASCIMENTO, Beatriz. O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo: Uma visão da história regional. In: _____. **Uma história feita por mão negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2021 [1981]. Páginas 193 a 212.

PEREIRA NETO, Marcos Antonio. **Território e Trajetórias Socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - Tocantins**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2021 (UFG, Dissertação, mestrado em Geografia).

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Caldeirão**. Fortaleza-CE, EDUECE, 1991.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **O mundo é grande e a nação também**: identidade e mobilidade em territórios negros. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2001 (USP, Tese, doutorado em Antropologia Social).

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. in MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. **Espaço e Luta no Pico do Papagaio**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1986 (USP, Tese, doutorado em Geografia Humana).

SANTOS, Mariza Fernandes dos. **Movimento Negro e Relações Raciais no Espaço Acadêmico**: Trajetórias Socioespaciais de Estudantes Negros e Negras na UFG. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2016 (UFG, Dissertação, mestrado em Geografia).

SANTOS, Mariza Fernandes dos; RATTS, Alex. Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das ações afirmativas. **Educere et Educare**. n 20. Cascavel. 2015. p. 641-652

SAUTTER, Gilles. Le paysage comme connivence. **Hérodote**, 1979, n. 16, p. 40-67.

SEEMANN, Jörn. Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 69-92.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SORRE, Max. Migrações e Mobilidade do Ecúmeno. In: MEGALE, Januário Francisco (Org.) **Max Sorre**. São Paulo, Ática, 1994, p. 124-139.

SORRE, Max. **Les migrations des peuples**: essai sur la mobilité géographique. Flammarion, éditeur. 1955

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental.** Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 2001 (UNICAMP, Tese, doutorado em Ciências Sociais).

Marcos Pereira Neto - Doutorando e mestre (2021) em geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Geografia (2018) pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína. Pesquisa nas áreas de geografia, com ênfase em mobilidade, deslocamentos, relações étnico-raciais, atuando principalmente nos seguintes temas: Migração e Mobilidade Espacial; Trajetórias Socioespaciais; Estudantes Quilombolas; Quilombo; Bandeiras Verdes; Romeiros; Norte do Estado do Tocantins.

Recebido para publicação em 05 de dezembro de 2022.

Aceito para publicação em 18 de dezembro de 2022.

Publicado em 05 de março de 2023.